



PRODUÇÃO ARTESANAL FEMININA: JUAZEIRO DO NORTE (BRASIL) E RÍO BRANCO (URUGUAI)

Female Artisan Production: Juazeiro do Norte (Brazil) and Rio Branco (Uruguay)

DOI 10.55028/geop.v19i37.21956

Larissa Keuly Bezerra dos Santos*

Resumo: O presente artigo busca analisar a dinâmica econômica e seus impactos sobre o artesanato feminino no estado do Ceará, com ênfase na região metropolitana do Cariri, cuja principal cidade é Juazeiro do Norte, estabelecendo uma comparação com a prática artesanal no Uruguai, especialmente no norte do país, na cidade de Río Branco. A pesquisa procura compreender os processos de transformação e oferecer uma releitura dos espaços ocupados pelo público feminino. Nesse sentido, o objetivo do estudo é relacionar esses métodos de produção a formas, modos e sentimentos, por meio de uma abordagem transdisciplinar entre a Geografia e a Sociologia. Em termos metodológicos, trata-se de uma pesquisa qualitativa, de caráter exploratório e comparativo, baseada em análise bibliográfica e documental.

Palavras-chave: Juazeiro do Norte. Uruguai. Artesanato feminino.

Resumen: El presente artículo busca analizar la dinámica económica y sus impactos en la artesanía femenina en el estado de Ceará, con énfasis en la región metropolitana del Cariri, cuya ciudad principal es Juazeiro do Norte, estableciendo una comparación con la práctica artesanal en Uruguay, especialmente en el norte del país, en la ciudad de Río Branco. La investigación pretende comprender los procesos de transformación y ofrecer una relectura de los espacios ocupados por el público femenino. En este sentido, el objetivo del estudio es relacionar estos métodos de producción con

1 Introdução

O presente artigo tem como propósito a análise do trabalho das mulheres no artesanato em duas regiões da América do Sul: Juazeiro do Norte (Ceará, Brasil) e Río Branco (Cerro Largo, Uruguai) (Mapa 1). O reconhecimento da importância em considerar a variável de gênero, as diferenças entre mulheres e homens, para a análise dos diferentes usos e interpretações do espaço ocorreu em momentos e de maneiras distintas, de acordo com a diversidade de países e regiões do mundo. Deste modo, buscou-se realizar um levantamento sobre as principais características dos estudos sobre mulheres artesãs em diferentes vivências artísticas, e a importância de como esses espaços refletem na totalidade do reconhecimento do seu trabalho como da própria economia vividas por elas.

* Graduada em Geografia Licenciatura pela Universidade Regional do Cariri – URCA. Mestranda no Programa de Pós-Graduação PPGEO no Instituto de Estudos Socioambientais na Universidade Federal de Goiás – UFG. E-mail: larissa.keuly@discente.ufg.br.

formas, modos y sentimientos, a través de un enfoque transdisciplinario entre la Geografía y la Sociología. En cuanto a la metodología, se trata de una investigación cualitativa, de carácter exploratorio y comparativo, basada en análisis bibliográfico y documental.

Palabras clave: Juazeiro do Norte. Uruguay. Artesanía femenina.

Mapa 1 – Localização das cidades analisadas na pesquisa



Fonte: Elaborado pela autora (2024).

A escolha das duas áreas de pesquisa se deve às proximidades no que tange à realidade vivenciada pelas mulheres nas duas localidades e às suas estratégias de superação das dificuldades, ainda que existem diferenças quanto aos tamanhos das populações e territórios: o Uruguai possui 3.444.263 habitantes (INE, 2023) e uma área de 176.215km², no Brasil a população é de 212,6 milhões de pessoas (IBGE, 2024) enquanto o estado do Ceará possui 8.794.957 habitantes (IBGE, 2022) e um território de 148.886 km². Por sua vez, Juazeiro do Norte conta com uma população de 286.120 (IBGE, 2022), enquanto Ríó Branco conta com 16.270 habitantes (Observatório Território Uruguay, 2011).

Neste artigo, busca-se compreender aspectos centrais, como o processo de construção de identidade, vivências

e barreiras que as artesãs enfrentam no seu cotidiano. Desse modo, o texto afere também como a economia criativa se materializa ativamente em suas produções e como a partir dela o sustento dessas mulheres é garantido.

O artesanato em Juazeiro do Norte tem uma longa tradição, sendo desenvolvido, sobretudo, com uma matéria prima local, que é a palha, tanto de milho como de carnaúba. Hoje, no município existem diversos lugares históricos em que é materializada a resistência desses espaços e da cultura local. Nesse sentido, merece destaque o local em que o artesanato feminino é fortificado, o Artesanato Mãe das Dores, que tem como objetivo contribuir para o fortalecimento do artesanato, preservando a identidade cultural e regional do Cariri cearense. A organização é reconhecida como uma instituição autossustentável que incentiva o desenvolvimento artístico, valorizando os saberes e fazeres populares, sendo pautada nos princípios e valores de integração, associativismo, solidariedade, sustentabilidade, criatividade e transparência. Artesanato Mãe das Dores (2024)

Por sua vez, no município de Río Branco, no Uruguai, o registro das práticas de artesanato data dos primórdios da colonização europeia. Naquela altura, os indígenas eram responsáveis pela criação de inúmeros produtos artesanais, desde vestimentas até armas para se defenderem. Os produtos já eram fabricados com matérias primas de origem vegetal e animal. Com o passar dos anos, o Uruguai vivenciou evoluções artísticas, em que as mulheres começaram a desempenhar um papel bastante importante. Situação testemunhada, em especial, no município de Rio Branco, onde elas têm trabalhado com a lã, fortalecendo ainda mais a cultura e enaltecendo a economia feminina na cidade. *Manos del Uruguay* (2024)

No município de Rio Branco, um exemplo da promoção do desenvolvimento local por meio atuação feminina no artesanato é a organização *Manos del Uruguay*, criada em 1968. A organização foi fundada por algumas mulheres artesãs, que tinham por objetivo conquistar um espaço de reconhecimento para se desenvolverem economicamente e socialmente no espaço rural. Hoje, a *Manos del Uruguay* configura uma marca registrada de qualidade, uma das principais associações de produção de artesanato do país, comercializando para o mercado interno e externo. *Manos del Uruguay* (2024)

Dessa forma, o problema de pesquisa do referido trabalho consiste em responder a seguinte questão: Como podemos identificar a qualidade de vida das mulheres, no âmbito da economia, visto em realidades sul-americanas como a brasileira e a uruguaia? E foi nesse caminho que o objetivo geral da pesquisa, caminhou-se sobre como o artesanato feminino configura uma forma de potencializar a economia e o empoderamento de mulheres no sertão cearense e no norte uruguaio. E seguindo com os objetivos específicos: Enalteceu o entendimento

analisando o trabalho feminino na perspectiva da economia criativa, e como meio econômico para seu sustento; apresentou detalhadamente a historicidade do artesanato feminino em Juazeiro do Norte e no Uruguai; finalizou um diálogo comparativo entre o saber fazer das mulheres do sertão cearense e do norte uruguaio.

Inicialmente, o artigo traz o tema do trabalho feminino na perspectiva da economia criativa, demonstrando como as mulheres melhoram a sua qualidade de vida através do que produzem. Na sequência, é abordado o contexto do artesanato feminino em Juazeiro do Norte. Por fim, em uma análise comparativa, o texto traz algumas cooperativas de mulheres uruguaias, mais precisamente no município de Río Branco, que trabalham com artesanato. No que tange à metodologia, este trabalho configura uma pesquisa qualitativa, básica, de cunho exploratório, pautada em análise bibliográfica, sob a ótica da Geografia Humana e da Sociologia.

2 Aspectos Geoeconômicos do Trabalho Feminino na Perspectiva da Economia Criativa

Ao longo da história da humanidade, a imagem da mulher sempre esteve associada a uma ideia de reprodução biológica, com ênfase na maternidade e na realização do trabalho de casa, o que de certa forma afirmou o lugar social da mulher no universo doméstico. Por outro lado, a imagem do homem foi associada ao poder econômico através do trabalho fora de casa. Corroborando este entendimento, Teixeira, Bifano e Lopes, (2016) afirmam que essa dicotomia entre os lugares e os papéis sociais de homens e mulheres foi traçada socialmente e culturalmente no decorrer dos séculos.

É nesse sentido que quando falamos de trabalhos manuais envolvemos uma economia construída por mulheres. Rompendo com todo esse padrão aflorado pela sociedade desde os primórdios e ainda hoje – marcado pela ideia de dependência financeira –, emergem várias questões em que as lutas feministas têm como pautas, a luta diária das mulheres que buscam seu próprio sustento por meio daquilo que fazem e produzem.

Com o objetivo de romper com essa dicotomia que desconsidera a mulher, ter uma condição social inferior ao homem, na década de 1960, os movimentos feministas passaram a questionar esses velhos estereótipos. A luta desses movimentos passou a abranger inúmeras mulheres, de diferentes classes sociais, objetivando inseri-las de forma efetiva no trabalho fora de casa e garantir também maior acesso à educação e à participação social e política, Santana (2005). Desse modo, a pesquisa observa que várias lutas são necessárias pra que haja valorização nas manifestações femininas, sendo ela a educação, onde a falta dela é um problema nas vivências femininas.

No Brasil, os primeiros registros organizados na educação feminina surgiram no período colonial, quando houve uma tentativa de transferir a cultura europeia para os trópicos. Nesse sentido, o funcionamento tem como base primordial as classes sociais, as mulheres que tinham o padrão de vida melhores, eram priorizadas ao ensino que naquela época eram em conventos, com o intuito de serem educadas nos preceitos católicos, na leitura, na escrita, na música e nas boas maneiras. Esses métodos eram vistos como uma preparação para as mulheres, onde as suas responsabilidades eram administrar e realizar as atividades domésticas, e nesse sentido com o objetivo de aprenderem a cuidar e educar seus familiares. Já as filhas das classes populares, eram educadas no interior de suas casas, além dos dogmas religiosos, aprendiam os afazeres domésticos e a obediência ao chefe da família. Onde a predominância maior eram as filhas de pessoas escravizadas e serviçais, além de serem obrigadas a trabalhar nos afazeres domésticos, e na agricultura (Saffioti, 2013).

Quando é abordado na pesquisa sobre educação, países como o Brasil infelizmente não lhe conferem os cuidados adequados e, por isso, a maioria dos brasileiros fica à mercê de uma fragilidade educativa. A baixa escolaridade configura o entrave mais problemático ao desenvolvimento brasileiro, além da precariedade na formação de recursos humanos, a baixa escolaridade contribui ainda para a baixa produtividade da economia brasileira, bem como para a baixa consciência política e social de parcela expressiva da população. O que concomitantemente resulta na falta de consciência de classe e na incompreensão da importância fundamental dos direitos humanos (Campolina; Diniz, 2014).

Desse modo, a questão da educação precisa ser analisada por meio de um viés histórico, haja vista que no passado as mulheres não tinham voz, tendo encontrado restrições para se expressarem, o que muitas vezes era proibido. Cabe ressaltar que ainda hoje temos o silenciar em muitas escalas, observamos homens ganhando mais que as mulheres mesmo quando ambos ocupam a mesma função, além da maior carga horária laboral, uma vez que as mulheres têm o trabalho de dentro e de fora de casa. Assim, as mudanças dos papéis femininos não tiveram como contrapartida uma transformação do papel masculino, pois os homens mantiveram-se ocupados nas atividades remuneradas fora do âmbito doméstico e as mulheres, além de se ocuparem de forma remunerada no mercado de trabalho, continuaram sendo as principais responsáveis pelo trabalho da casa e pelo cuidado com a família (Melo; Considera; Di Sabatto, 2007).

De acordo com Machado (1998), no rastro da institucionalização de mercados regionais transnacionais passou a ocorrer uma mutação da perspectiva do Estado em relação ao papel dos limites e das fronteiras. A fronteira pode ser estendida

‘para fora’, não a partir do estado central, o que provocaria conflito, mas a partir dos lugares. Cada lugar quer estender sua esfera de influência e reforçar sua centralidade além dos limites internacionais e sobre as faixas de fronteiras. É nesse sentido que entendermos que a dimensão do trabalho feminino está baseada em todas as lutas femininas que são existentes, e nelas também entram a questões de poderes que se associam a barrar o livre arbítrio das mulheres, colocando barreiras no que diz respeito às suas escolhas. Assim, Teixeira; Bifano; Lopes (2016) afirma que as mulheres demonstraram, não só discursos, vai além disso, administra uma rede de poderes que são compartilhados e aprendidos. No cotidiano, é observado essas relações de poderes que são estabelecidas entre elas e os maridos e, percebemos o quão é existente nas relações de completa submissão alienante das mulheres, é nesse sentido que é utilizado de táticas e estratégias cotidianas que lhes permitem inverter a “dominação dos maridos”.

O trabalho feminino é desvalorizado, transformando as mulheres em mão-de-obra barata (Ramos; Valdissier, 2019). Em virtude disso, muitas mulheres acabam desistindo do mercado de trabalho formal e abandonando sua carreira, principalmente após a maternidade, para que possam se dedicar aos cuidados dos filhos. É nessas circunstâncias, que as práticas de trabalhos sejam a distância ou criando o seu próprio trabalho, são meios de reduzir a jornada de trabalho formal, e estão se tornando cotidianas entre as mulheres no meio empresarial em geral (Ceribeli; Silva, 2017). Mas sobretudo, em razão da criação ao seu próprio negócio, em razão da maternidade, permitindo a conciliação entre o trabalho e os filhos.

Com a crise econômica de 2008, o mundo começou a passar por muitas conturbações e transformações sociais, políticas e econômicas. Nesse sentido, a crise resultou em novos ares de incertezas e em um menor crescimento econômico global. Segundo a OMC (2016), o crescimento econômico mundial menor em 2016 teria resultado da crise ocorrida oito anos antes. A OMC indicou ainda a ocorrência de mudanças de padrão do comércio mundial. O que se observou, desde então, foi a expansão de pequenos negócios, algo percebido pela instituição como uma saída para a recuperação das economias dos países, principalmente aqueles dos Sul global, caso do Brasil (Oliveira; Aragão; Júnior; Silva, 2018).

Sobre o trabalho criativo, entendemos que toda a bagagem de conhecimento vem de experiências, e é através delas que entendemos também o nosso processo de criatividade. Ao salientar sobre o trabalho feminino em uma perspectiva sobre economia criativa, percebemos o quão é crescente o empoderamento, e a resistência que as mulheres percorrem. A economia criativa nessa perspectiva trata dos bens e serviços baseados em textos, símbolos e imagens e refere-se ao conjunto distinto de atividades assentadas na criatividade, no talento ou na habilidade

individual, cujos produtos incorporam propriedade intelectual e abarcam do artesanato tradicional às complexas cadeias produtivas das indústrias culturais. Miguez (2007), por sua vez, complementa que os meios de produções em que o sustento seja através das produções, também é significativo para a economia criativa, o artesanato, por sua vez, atribui rendas importantes à população e potencializa sua produção fabril, fazendo com que a economia da cidade aumente significativamente.

Na abordagem, o empreendedorismo feminino também é uma abordagem de investimento, em que as mulheres atribuem como forma de organização financeira. Onde com a criatividade individual, elas transformam ideias em oportunidades, e logo depois, criam em conjunto enriquecendo assim cada vez a sua autonomia. O empreendedorismo teve como pauta nos estudos de economistas, pesquisadores e políticos na maioria dos países pois é atribuído como ferramenta de inovação, crescimento e desenvolvimento econômico. Assim, o entendimento do papel de fatores sociais, culturais e econômicos irá auxiliar no incentivo à cultura empreendedora (Dornelas, 2005).

Mas, mesmo com toda resistência à desigualdade, estudos na OIT (2024) afirma que os números detalhados do relatório mostram que as mulheres, especialmente nos países de renda baixa, são desproporcionalmente afetadas pela falta de oportunidades. A disparidade de emprego para as mulheres nos países de renda baixa 22,8%, contra 15,3% para os homens. Isto contrasta com os países de renda alta, onde a taxa é de 9,7% para as mulheres e 7,3% para os homens. É gritante a diferença, e mostra claramente que insistir pelos seus direitos de igualdade, seja eles de empregos, ou empreendedorismo.

O empreendedorismo feminino apresenta-se como um instrumento onde neles ocupam cargos que valorizam o trabalho feminino, e quando falamos de posição pelas mulheres, entendemos que a visibilidade passa por exercícios de crescimento e apresentando assim várias relevâncias nas áreas de negócios, isso incentiva as mulheres a procurar reconhecimentos no seu trabalho e sobretudo, contribuir no crescimento econômico de sua cidade, estado e país no qual estão inseridas (Oliveira; Cavazotte; Paciello, 2013).

3 Artesanato Feminino em Juazeiro do Norte-CE

Por muito tempo o artesanato é visto como uma atividade, que tem presença na vida das mulheres e dos homens, onde a criação e produção de objetos de uso para sua sobrevivência tem uma escala que predomina a partir do que produzem, também garantem o sustento e ao mesmo tempo, ampliam os seus conhecimentos.

Quando falamos de artesanato não podemos deixar de lembrar de cultura, até porque o processo artístico de um povo, é uma resistência cultural.

Conforme Grangeiro e Bastos (2019) toda produção humana anterior ao surgimento das máquinas é artesanal e encontramos registros de artefatos elaborados manualmente em todos os períodos históricos da humanidade. Objetos utilitários e ferramentas de trabalho eram produzidos manualmente, no entanto, a utilização da palavra artesanato tem origem posterior à realização da própria atividade. Para Mello:

Além de prover bens materiais para a comunidade que o gerou, o artesanato é um dos meios mais importantes de representação da identidade de um grupo social, pois através dele valores coletivos são fortemente representados (Mello, 2016, p. 57).

Corroborando com as autoras supracitadas, (Barbosa; D'ávila, 2014) apontam que o artesanato e sua elaboração se inserem na cultura material, entendida aqui no sentido de que os objetos são dignos de consideração por si mesmos, sendo seu processo de feitura capaz de revelar muito sobre quem o faz.

Desse modo Portela (2018) afirma que existe uma interlocução na produção do artesanato feminino, onde as mulheres que produzem além de atribuírem a resistência, enaltece os espaços colaborativos das suas produções, interligando uma visibilidade no âmbito da cultura popular. As mulheres atribuem, em suas trajetórias de vida, este saber-fazer permeado de significados, de histórias, frutos da matéria-prima local.

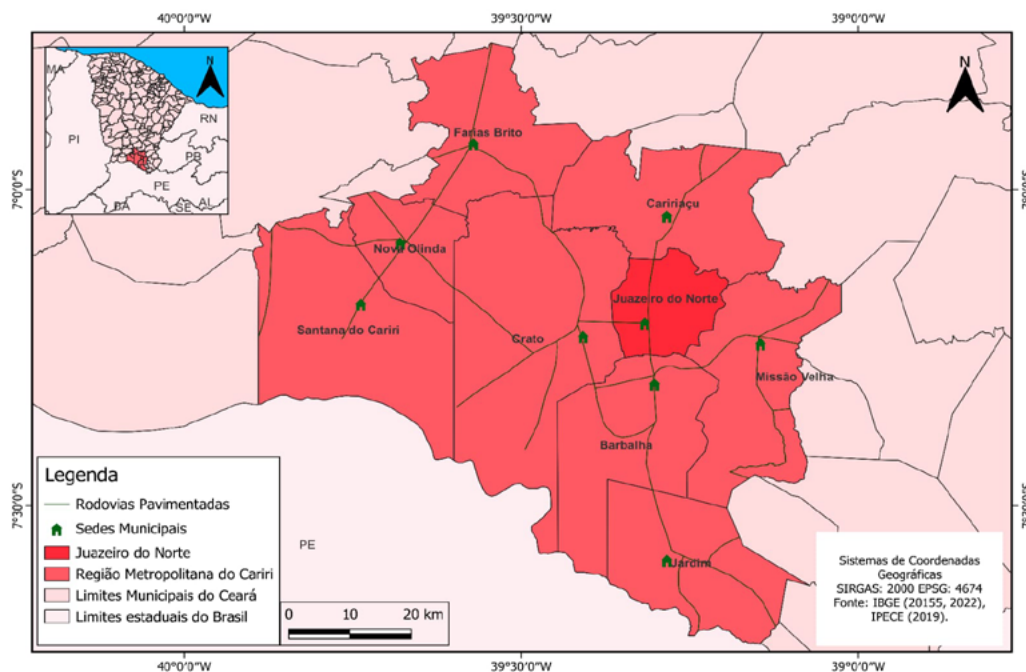
O desenvolvimento econômico de Juazeiro do Norte e sua posterior emancipação política em 1911 ocorrem por influência da produção artesanal. A ampliação da produção para além da necessidade dos habitantes aliada ao fluxo migratório religioso é um fator que influencia o desenvolvimento econômico da cidade. Nesta época, a matéria-prima era geralmente encontrada no próprio vilarejo ou proximidades (barro, couro, madeira, metal, palha) e deles eram produzidos objetos como potes, panelas, copos, cuias, peneiras, raladores, foices, enxadas, vestimentas, calçados, redes, cestos, vassouras, esteiras, dentre outros objetos necessários para atender às demandas cotidianas (Grangeiro; Bastos, 2019).

Desde o início intensificam bastante a atividade artesanal que já era existente na cidade. Com a chegada das pessoas, de vários estados, vindo de todos os lugares do Brasil, com o propósito religioso, passa a conhecer a cultura através do artesanato em Juazeiro do Norte. Nesse sentido, o artesanato está bastante vinculado ao crescimento da cidade, e os ateliês de produção se encontram por toda a cidade. As raízes são bem visíveis, principalmente em relação ao feminino nessa perspectiva.

A cidade de Juazeiro do Norte é um município brasileiro do estado do Ceará. Localiza-se na Região Metropolitana do Cariri, no sul do estado, distante 491 km

da capital, Fortaleza a uma altitude de 377 metros acima do nível do mar. Ocupa uma área de 258,788 km², com uma população de 286120 habitantes, dado do Censo IBGE 2022, sendo o terceiro mais populoso do Ceará (depois de Fortaleza e Caucaia), o maior do interior cearense, e o 96º do Brasil. Juazeiro do Norte é um dos municípios de maior população do interior do Nordeste, ocupando o sexto lugar. A taxa de urbanização é de 95,3%.

Mapa 2 – Localização do município de Juazeiro do Norte-CE



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

Desse modo, abordamos fortemente o artesanato no espaço de estudo que é o Artesanato Mãe das dores, lugar esse em que fortemente se aplica os processos artísticos femininos, onde buscamos entender todo o processo da atividade artesanal feminina que existe no local, onde as artesãs têm como matéria prima principal a palha do milho.

É notório tal processo, principalmente nos períodos dos ciclos das romarias, onde também tem a sua importância na economia juazeirense, o espaço urbano precisa sofrer intervenções por parte dos agentes sociais ligados ao poder público local. Há uma quantidade imensa de pessoas que visitam a cidade, pessoas que são devotas e que buscam entender a espiritualidade que é existente na cidade e sobre tudo, são atraídos pelo ritual das festividades sagradas. As principais localizações devocionais, em sua maioria, estão situados em Juazeiro do Norte, nas proximidades

da Basílica de Nossa Senhora das Dores, da Rua São José (onde se localiza um vasto comércio religioso e o casarão do Padre Cícero), da praça do Socorro (encontra-se a Igreja do Socorro, local onde está sepultado o Padre Cícero, e o Memorial do Padre Cícero, no qual é possível observar algumas relíquias) e do Horto (Oliveira, 2019).

O mesmo Oliveira (2019, p. 45) afirma que o despontar econômico e a produção do espaço urbano de Juazeiro do Norte estão completamente atrelados ao crescimento das romarias que dinamizou o comércio e impulsionou a instalação de diferentes equipamentos no processo de produção histórica da cidade. É nesse sentido que é bem visível a estruturação da cidade ser bem histórica.

Várias organizações são criadas, a partir da estadia dessa população flutuante, e é nesse sentido que sejam repensadas novas funcionalidades de algumas áreas que estão presentes no espaço urbano, com facilidade de atender aos romeiros e toda a população local. As mudanças ocorrem nos fluxos de transportes, a distribuição de água na cidade, os horários de funcionamento dos comércios, dentre outras mudanças (Oliveira, 2019).

A cidade é repleta de festejos religiosos, como as romarias, e é nelas que o artesanato se propaga, muitos romeiros vêm para admirar o artesanato e suas diversidades que são admiradas e valorizadas. De acordo com ALECE (2024) As romarias que acontecem em Juazeiro, são divididas em 10 durante todos os anos, de acordo com a lei N.º 16.927 Art. 1.º Ficam incluídas, no Calendário Oficial de Eventos do Estado do Ceará, as datas de Romarias de Juazeiro do Norte, no Estado do Ceará, abaixo elencadas, considerando a Lei Estadual n.º 15.549, de 11 de março de 2014, que denomina o Município de Capital Cearense das Romarias:

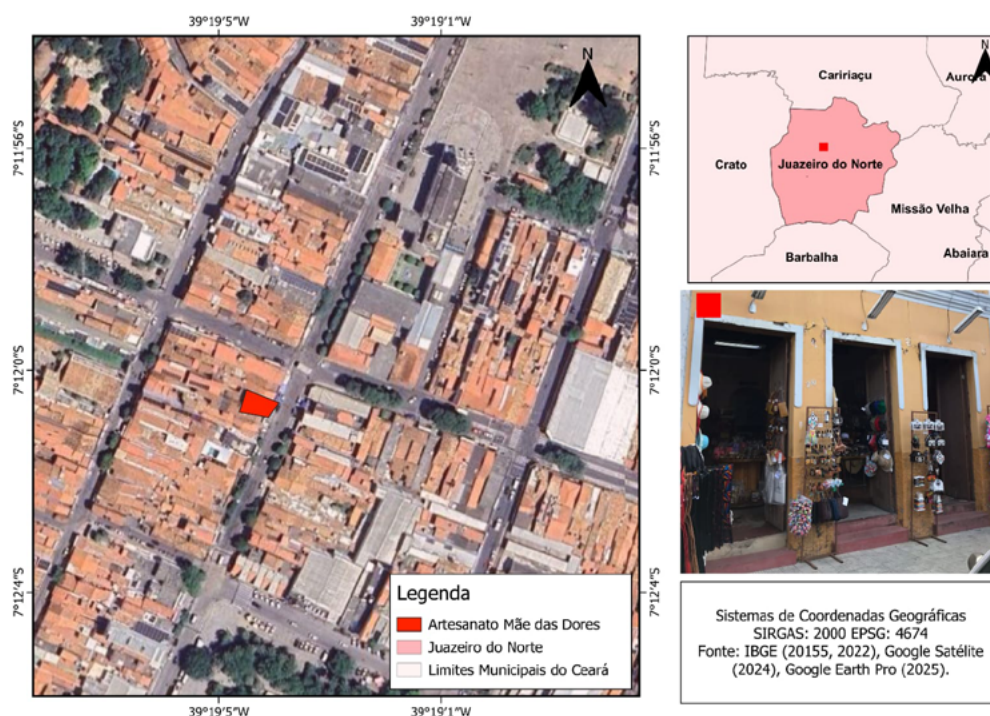
Tabela 1 – As Romarias em Juazeiro do Norte CE.

I – 17 de janeiro	Celebração em memória da morte da Beata Maria de Araújo;
II – 18 a 20 de janeiro	Romaria de São Sebastião;
III – 29 de janeiro a 2 de fevereiro	Romaria de Nossa Senhora das Candeias;
IV – 24 de março:	Semana do nascimento do Padre Cícero, nomenclatura dada pela Lei n.º 14.910, de 25, de abril de 2011;
V – 20 de julho:	Romaria em memória da morte do Padre Cícero;
VI – 10 a 15 de setembro	Romaria de Nossa Senhora das Dores;
VII – 24 de setembro a 5 de outubro	Romaria de São Francisco;
VIII – 29 de outubro a 2 de novembro	Romaria de Finados
IX – 30 de novembro	Ordenação do Padre Cícero
X – 23 de dezembro a 6 de janeiro	Romaria do Ciclo Natalino.

Fonte: Elaborado pelo autor (2024).

A associação das mulheres artesãs surgiu no dia 20 de julho de 1984, no qual foi fundada a Associação Mãe das Dores do Padre Cícero (Artesanato Mãe das Dores) (Figura 1). A ideia surgiu a partir da iniciativa de duas freiras com missão de evangelizar o povoado em que viviam na colina do Horto e de uma artesã da palha de milho Grangeiro; Bastos, (2019).

Figura 1 – Mapa de localização da Associação Mãe das Dores do Padre Cícero



Fonte: Elaborado pela autora (2025).

A associação organiza capacitações para fortalecer o aprendizado das pessoas que se interessam, e assim enaltecendo também a melhoria de vida. principal atividade desenvolvida pelo coletivo é a criação, produção e venda de peças artesanais confeccionadas pelo grupo, visando sempre a melhoria na qualidade dos produtos, como também, na geração de renda. As capacitações são realizadas por meio de oficinas aplicadas por artesãos do grupo, ou por parcerias firmadas entre a associação e entidades que incentivam a valorização cultural, geração de emprego e renda e etc.

Figura 2 – Oficina na Associação Artesanato mãe das dores



Fonte: Associação de Artesanato Mãe das Dores (2024).

Na (figura 2) é possível observar a realização de uma capacitação que ocorreu no local de estudo, as mulheres compartilham seus saberes umas com as outras, e fortalecendo a prática entre elas, e sobre tudo a valorização da cultura na cidade. Nas imagens observamos a riqueza de produtos feitos com palha de milho e os materiais que as mulheres utilizam. Cabe ressaltar que as mulheres também se divertem ao longo do processo, onde dialogam, se conhecem melhor, se inspiram, riem juntas criando assim, um vínculo simbólico de muito carinho (Associação de Artesanato Mãe das Dores, 2024).

4 Artesanato Feminino no Uruguai

No Uruguai o surgimento do artesanato está ligado intimamente com os povos indígenas, onde atribuíam a matéria prima animal e vegetal no saber fazer das suas vestimentas, armas e diversos objetos em que criavam. A população indígena, teve a redução reduzida por consequência de um massacre pelos europeus que invadiram suas terras, e escravizaram seu povo em meados dos séculos XVIII e XIX.

Desse modo, o estabelecimento dos europeus, a chegada de imigrantes e a consolidação de cidades altamente urbanas, fizeram com que se desenvolvesse, no século XIX, uma forte ação econômica e política voltada para o crescimento industrial. A partir disso, o artesanato ficou ligado a tarefas rurais até o século XX (Machado, 2016, p. 63).

Os povos Uruguaios após a dimensão que a economia foi se desenvolvendo, e nesse sentido a crise foi surgindo, acontecendo em meados dos anos 60, onde o artesanato teve uma escala muito importante, pois era por meio da arte, que as pessoas atribuíam o seu sustento.

Um exemplo de iniciativa de cooperativa de mulheres em torno do artesanato no Uruguai é o projeto *Manos del Uruguay*. A iniciativa foi criada em 1968 por cinco mulheres (Olga Pardo Santayana de Artagaveytia, Sara Beisso de Souza, Dora Muñoz de Cibils, María del Carmen Bocking e Manila Chaneton de Vivo), que compartilhavam a realidade dura do campo uruguaio, onde as mulheres conviviam com a falta de oportunidades laborais. A partir de então, o grupo teve a ideia de vender objetos que faziam utilizando competências herdadas de suas mães e avós e a matéria-prima que possuíam: a lã. Assim, passaram a produzir mantas de lã e almofadas de selas de cavalo. Os bons resultados das vendas estimularam a organização de *workshops* por todo o país (Manos del Uruguay, 2024).

Enaltecendo sobre a iniciativa de *Manos del Uruguay*, o projeto é uma das maiores empresas do país, ela surge também com o intuito de ajudar as mulheres rurais, terem sua participação ativa no mundo do trabalho e assim adquirir estabilidade financeira. A primeira base do projeto é justamente trazer como resposta a falta de oportunidades para as mulheres, e nesse sentido trazendo desenvolvimento a vidas delas, estimular nos processos artísticos é também fortalecer o seu emocional, as mulheres cresciam não só gerando fortes rendas e ocupações trabalhistas, mas muito sentimento e peculiaridade naquilo que elas produziam.

Figura 3 – Manos del Uruguay

Fonte: Manos del Uruguay (2024).

A logo da organização *Manos del Uruguay* (figura 3) apresenta uma mão encaixando na outra, simbolizando a cooperação em conjunto das mulheres, e a data de criação da instituição, no ano de 1968.

Figura 4 – Reunião de mulheres da organização *Manos del Uruguay*

Fonte: Manos del Uruguay (2024).

Posteriormente, com o auxílio de assistentes sociais, o grupo obteve condições de organizar a produção, administrar as cooperativas e gerir a relação com fornecedores. As mulheres envolvidas no projeto passaram a lidar com a difícil tarefa de equilibrar trabalho e família. O grupo de fundadoras via não percebia o projeto apenas como uma fonte de trabalho, mas sobretudo como um meio de empoderamento e desenvolvimento das mulheres, tendo como objetivo a formação de líderes que impulsionassem a organização. Desde 2009, o projeto *Manos del Uruguay* é membro *World Fair Trade Organization* (WFTO) – Organização Mundial do Comércio Justo –, uma parceria comercial pautada no diálogo, na transparência e no respeito, visando a maior equidade no comércio internacional (Manos del Uruguay, 2024).

Partindo da historicidade do projeto, quando falamos dos andamentos na atualidade, é de suma importância falar sobre como foi o processo até chegar onde está. Desse modo, de acordo com Zaffaroni (1983):

Como respuesta a la carencia de fuentes de trabajo para la mujer en el interior del país y de oportunidades para su desarrollo personal y familiar. Se estructura sobre la base del aprovechamiento y desarrollo de las habilidades naturales de la mujer del interior del país y de materias primas de fácil acceso y bajo costo (Zaffaroni, 1983, p. 2).

Zaffaroni (1983) também afirma que:

“Se organiza como una Asociación civil sin fines de lucre con la finalidad de promover la elevación del nivel económico – social y cultural de sus miembros y el objetivo de constituir una cooperativa de productores integrada exclusivamente por artesanos a la cual una vez fundada transferirá todos sus bienes y derechos. El nucleo de fundadores fue un grupo de voluntários que rapidamente obtuvo apoyo de otras organizaciones nacionales y locales. Los grupos fueron surgiendo y multiplicándose sin obedecer a una planificación previa, allí donde hubiera un voluntario convencido de la idea y artesanas con capacidad para el trabajo manual y deseo de transmitirla” (Zaffaroni, 1983, p. 2).

E qual matéria prima e produções são feitas pelas *hermanas*? De acordo com (Manos del Uruguay, 2024) afirma que a dedicação das artesãs ao cuidar do artesanato e tradições da sua terra, amplia a riqueza delas em suas produções. A matéria prima utilizada nas suas confecções são: lã, couro, madeira, chifre. A sua intenção é revisitar, honrar e desafiar a iconografia do Uruguai através das vestimentas e objetos que criam. Desde de suas origens, contribuem com formas, cores e texturas que, ao longo dos anos, ajudaram a moldar a cultura do Uruguai. Todos os fios são tingidos à mão. As artesãs usam grandes potes aquecidos por chaleiras de madeira, tingindo em pequenos lotes, criando cores maravilhosas. As cores dos fios são brilhantes e selvagens, cheias de nuances e variações. Não há dois novelos iguais, cada um é único, um testemunho de um momento particular. Manter viva as habilidades tradicionais de fiação manual fortalecem a importância para elas, pois permitem criar fios individuais. Tanto a Serpentina quanto a Clasica Wool são fiadas à mão pelas artesãs da Manos.

Na (figura 5) estão as fundadoras da associação, em que teve como fundação em 1968, na foto observa a felicidade dessas mulheres, e também uma nova era de mulheres artistas estavam nascendo, onde sabemos que os anos 60 não foi nada fácil, principalmente para as mulheres, o silenciar era muito forte.

Figura 5 – As fundadoras da Associação Manos del Uruguay

Fonte: Manos del Uruguay (2024).

Nesse sentido, a forma organizadora que o projeto trabalha, adota consigo uma segurança para que as mulheres que procuram estabilidade através da arte, e tenham também a sua renda. Quando falamos desse processo artístico, lembramos do que é identitário, como as facetas das suas artes, onde estão vinculadas às formas de percepções, que são únicas e individuais. Desse modo, Almeida (2019, p. 39) afirma que “a identidade é “a fonte de significado e experiência de um povo”. Transfigura tudo aquilo que queremos abordar, ressalta profundamente a cultura, entende também como se configura os processos artísticos no Uruguai, como as mulheres artesãs se sentem pertencentes no seu lar e principalmente naquilo que produzem. Trazendo assim sentimentos, percepções únicas de cada uma delas que perpassam pelo projeto, levando consigo seus conhecimentos herdados pelas suas ancestrais.

O setor artesanal no Uruguai teve um crescimento extensivo, especificamente pela implementação das associações, elas criaram um projeto de lei de difusão e fomento do ofício artesanal, afirmada pela Lei 17.554 aprovada em 2002. Comissão Nacional Pró Lei Artesanato, que me meados de 1995.

5 Conclusão

O presente trabalho trouxe uma análise, a partir da Geografia Humana e da Sociologia, acerca das fronteiras artísticas e de suas transitoriedades, enfocando o artesanato feminino em duas realidades distintas: Juazeiro do Norte, no Ceará, Brasil, e o Uruguai. Inicialmente, o texto abordava o trabalho feminino e seus

impactos econômicos na perspectiva da economia criativa. Na sequência, foram detalhadas as dinâmicas e os impactos econômicos do artesanato feminino em Juazeiro do Norte. Por fim, em uma análise comparativa, foram apresentados o contexto e os desafios do artesanato feminino desenvolvido no Uruguai.

O artesanato feminino pode garantir às mulheres empregos e uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, além da conquista da independência financeira. No caso de iniciativas como a *Manos del Uruguay*, isso se deu com a manutenção das raízes e tradições no seio da comunidade e das famílias das mulheres envolvidas. E em Juazeiro do Norte, a Associação Mãe das Dores.

Desse modo, o artesanato é uma manifestação cultural, seja de transmissão oral, de técnicas pessoais, de criação livre. É organizado em base no saber/fazer ancestral, pela passagem de conhecimento da família, com uma ligação forte seja com o meio, ou local e com o tempo, são detalhes importantes, o processo criativo é unicamente da artesã, pois não existe pressa para se criar. As obras são elaboradas de acordo com o que elas estão sentindo, e suas construções nascem a partir do que não é palpável. As mãos tecem, criam, montam, diferentes formas entre si, e é justamente esse diferencial que traz a singularidade nas produções. Cada detalhe transforma a matéria-prima em um objeto simbólico, e é nesse simbolismo que a mensagem é transmitida, onde a representação da produção é extremamente vislumbrante.

A abordagem da economia criativa surge, nesse sentido, como motor de desenvolvimento humano e preservação da cultura em diversas escalas. Várias iniciativas estão presentes em muitos países, sendo que é a partir dessas causas que a inserção das mulheres no comércio criativo é movida pelas suas experiências, onde criam e recriam e adquirem muitos resultados promissores. As produções de manifestações artísticas estão entre as maiores alianças com o empoderamento feminino e em regiões pobres e/ou com predominância de restrições sociais às mulheres crescem constantemente. Percebe-se também que tal relevância da presença feminina na economia criativa tem auxiliado na preservação de saberes tradicionais e maior valorização de suas culturas.

É entendendo esses espaços femininos que visualizamos na pesquisa a especificidade das mulheres e a força que cada uma delas possui. Força de resistir ao machismo que está impregnado em nossa sociedade. Hoje, ainda que não seja fácil, as mulheres seguem lutando pelos seus espaços e direitos, mas para tanto é necessário que haja transformações, seja no trabalho formal, seja na organização dos próprios negócios femininos, em todos os sentidos. Esses esforços compõem uma luta histórica das mulheres por respeito, reconhecimento e valorização.

Referências

- ALECE – Assembleia Legislativa do Estado do Ceará. Saiba mais sobre o panorama das mulheres na educação básica. **Agência Gov**, 8 mar. 2024. Disponível em: <https://agenciagov.ebc.com.br/noticias/202403/saiba-mais-sobre-o-panorama-das-mulheres-na-educacao-basica>. Acesso em: 06 ago. 2024.
- ALMEIDA, Maria. Sertão, identidades e representações no Centro-Oeste. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 25, maio/nov. 2007.
- BARBOSA, V.; D'ÁVILA, M. Mulheres e artesanato: um 'ofício feminino' no povoado do Bichinho/ Prados-MG. **Revista Ártemis**, [S. l.], v. 17, n. 1, 2014.
- CAMPOLINA, B.; DINIZ, C. Crise global, mudanças geopolíticas e inserção do Brasil. **Revista de Economia Política**, v. 34, n. 4 (137), p. 638-655, out./dez. 2014.
- CERIBELI, H. B.; SILVA, E. R. Interrupção voluntária da carreira em prol da maternidade. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, v. 11, n. 5, p. 116-139, 2017.
- DORNELAS, J. **Empreendedorismo transformando ideias em negócios**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2005.
- GRANGEIRO, R.; BITTENCOURT, A. O artesanato em Juazeiro do Norte/CE: memória de uma atividade de trabalho. **Revista Memória em Rede**, Pelotas, v. 11, n. 21, jul./dez. 2019.
- IBGE. **Juazeiro do Norte**: população. Censo 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ce/juazeiro-do-norte/panorama>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- IBGE. População: Censo 2024. **Agência de notícias**. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de%20not%C3%ADcias/not%C3%ADcias>. Acesso em: 20 set. 2024.
- INE. Población en Uruguay aumentó 1 %: se contabiliza en 3.444.263 habitantes. **Uruguay Presidencia**, 27 nov. 2023. Disponível em: <https://www.gub.uy/presidencia/comunicacion/noticias/poblacion-uruguay-aumento-1-se-contabiliza-3444263-habitantes>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- MACHADO, J. O conceito de artesanato: uma produção manual. **Revista de Ciências Humanas e Sociais**, v. 2, n. 2, set./dez. 2016.
- MACHADO, L. Limites, fronteiras, redes. In: STROHAECKER, Tânia Marques *et al.* (Orgs.). **Fronteiras e espaço global**. Porto Alegre: AGB, 1998. p. 41-49.
- MANOS DEL URUGUAY. **About Manos del Uruguay**. Disponível em: <https://manos.uy/about-manos>. Acesso em: 25 abr. 2024.
- MARCONI, M.; LAKATOS, E. **Fundamentos de metodologia científica**. Barueri: Atlas, 2010.
- MELLO, C. **Território feito à mão**: artesanato e identidade territorial no Rio Grande do Sul. 233 f. Tese (Doutorado em Extensão Rural) - Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2016.
- MELO, H. P. de; CONSIDERA, C. M.; DI SABBATO, A. Os afazeres domésticos contam. **Revista Economia e Sociedade**, Campinas, v. 16, n. 3 (31), p. 435-454, dez. 2007.
- MIGUEZ, P. Economia criativa: uma discussão preliminar. In: NUSSBAUMER, G. M. (Org.). **Teorias e políticas da cultura**: visões multidisciplinares. Salvador: EDUFBA, 2007. p. 95-113.
- OBSERVATORIO TERRITORIO URUGUAY. **Río Branco**: población. Censo 2011. Disponível em: <https://otu.opp.gub.uy/perfiles/cerro-largo/rio-branco>. Acesso em: 30 jul. 2024.
- OIT — Organização Internacional do Trabalho. **Conheça a OIT**. Disponível em: <https://www.ilo.org/pt-pt/regions-and-countries/americas/brasil/conheca-oit>. Acesso em: 06 ago. 2024.

OLIVEIRA, P. **Ser-tão Romeiro**: a memória hierofânica do catolicismo popular sertanejo e sua espacialização em Juazeiro do Norte-CE. 2019. 207 f. Tese (Doutorado em Geografia) — Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2019.

OLIVEIRA, L. B.; CAVAZOTTE, F. S. C. N.; PACIELLO, R. R. Antecedentes e consequências dos conflitos entre trabalho e família. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 4, p. 418-437, jul./ago. 2013.

OLIVEIRA, J.; ARAGÃO, E.; JUNIOR, A.; SILVA, D. Participação feminina na economia criativa. **Proceedings of ISTI/SIMTEC**, Aracaju, SE, v. 9, n. 1, p. 141-149, set. 2018. ISSN 2318-3403.

OMC – Organização Mundial do Comércio. Disponível em: <https://www.gov.br/siscomex/pt-br/acordos-comerciais/omc#:~:text=A%20Organiza%C3%A7%C3%A3o%20Mundial%20do%20Com%C3%A9rcio,sigla%20em%20ingl%C3%AAs%2C%20GATT>. Acesso em: 06 ago. 2024.

PORTELA, R. **Correspondência por meio de ferramentas de design**: artesanato e empoderamento (ou aprisionamento?). Dissertação (Mestrado em Design) — Universidade Federal do Maranhão, São Luís, 2018. 130 f.

RAMOS, K. de S.; VALDISSER, C. R. Das dificuldades ao sucesso: os caminhos tortuosos e cheios de obstáculos enfrentados por empreendedoras. **Revista Gestão, Tecnologia e Ciências – GETEC**, n. 8, v. 20, 2019. Disponível em: <https://revistas.fucamp.edu.br/index.php/getec/article/view/1611>. Acesso em: 30 jul. 2024.

SAFFIOTI, H. **A mulher na sociedade de classes**: mito e realidade. São Paulo: Expressão Popular, 2013.

SANTANA, M.; DIMENSTEIN, M. Trabalho doméstico de adolescentes e reprodução das desiguais relações de gênero. **Psico-USF**, Campinas, v. 10, n. 1, p. 93-102, jan./jun. 2005.

TEIXEIRA, T. S.; BIFANO, A. C. S.; Lopes, M. de F. Trabalho doméstico: reprodução e resistências. **Oikos: Revista Brasileira de Economia Doméstica**, Viçosa, v. 27, n. 1, p. 59-78, 2016.